

Como sabemos, isso significa que boa parte das ameaças à nossa segurança se situam fora das clássicas dimensões das fronteiras territoriais. Ora, se a segurança e a defesa tem estado assentes na definição dum território, pensar a segurança e defesa num espaço mais dilatado implica repensar a sua geocultura. Qual é então essa nova geocultura portuguesa?

Como sabemos a República instituiu o Serviço Militar Obrigatório (SMO) em 1911, que passou a ser voluntário em 2003. Embora exclusivo para os homens, o SMO, contribuiu durante dezenas de anos para criar essa ideia de pertença a uma comunidade. Na adversidade cimentam-se as relações de aliança. Hoje a comunidade de pertença é mais ampla. Todavia

o território da comunidade ainda existe e é vital para a sua sobrevivência. Não só é fundamental administra-lo, como é necessário ter consciência da sua importância.

A questão que se nos coloca hoje como cidadãos é pois como é que asseguramos a consciência da pertença a uma comunidade e asseguramos o seu espaço. A multiplicidade de atores e a pertença a uma comunidade de valores dispensará o espaço de encontro da nossa comunidade. Entre a tradição dos velhos lugares de memória e a modernidade que enfrentamos a segurança e a defesa passa inevitavelmente pela consciência do encontro com o somos.

VOLTAMOS TODOS: MEMÓRIAS DUMA COMPANHIA DE COMANDOS - MOÇAMBIQUE 1971-1973

Rui Stofell é marido da minha colega Mercedes que me ofereceu este livro. Veio a propósito de conversas sobre a Ilha de Moçambique, lugar mítico no Índico usada como local de férias do exército português durante a Guerra Colonial.

Trata-se dum livro de memórias que reúne testemunhos de gente tão diferente: Rodrigo de Moura, José Loureiro, José Barbosa, Francisco Van Uden, Luís Avillez, Rui Stoffel e Humberto Carapeta. Um conjunto de homens que nos anos de juventude, por opção e dever e juntaram numa companhia de comandos. Viveram e fizeram uma guerra tremenda. No fim da comissão regressou toda a companhia. Este livro narra as suas experiências na primeira pessoa. Contaram-nas anos depois, já homens vividos, com outras experiências já vividas. É uma narrativa amadurecida sobre os anos de juventude passados numa guerra que os tornou homens.

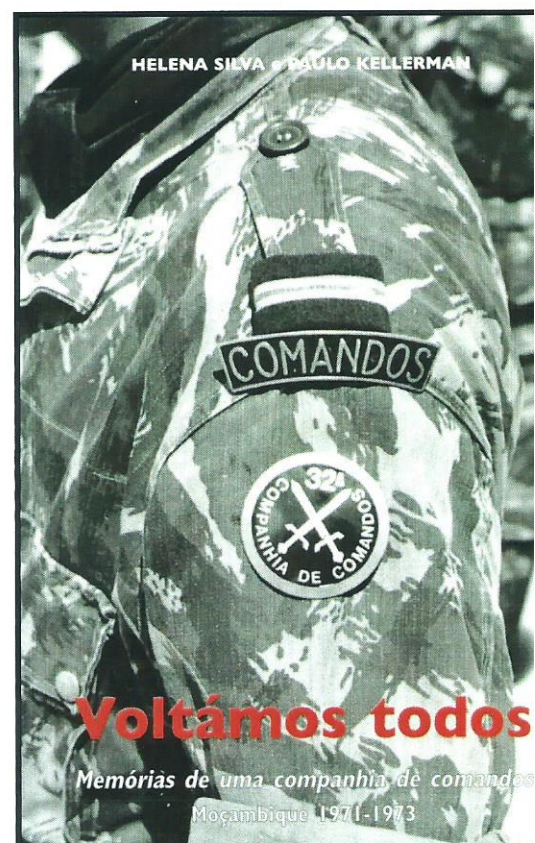
Os comandos do coronel Jaime Neves constituíram uma tropa de elite do exército português. Em Moçambique foram atores da estratégia duma guerra *anti subversiva*, como então se chamava na época a guerra de guerrilha. Os comandos eram a linha da frente. Seja em combate, em patrulha ou em apoio a evacuação, o comando vivia sobre o risco permanente. A preparação psicológica e de combate eram os elementos cruciais da sua formação, feita de provas sucessivas. Este livro relata, através voz dos que a viveram, esse esforço de cada um se superar a si mesmo. Compreendemos

melhor que os momentos de lazer vividos na Ilha de Moçambique também sejam as recordações mais acarinhadas.

O que sobressai neste livro é a consciência de que essa experiência individual foi parte dum esforço coletivo. O que cada um viveu para hoje nos contar é possível porque todos cumpriram a sua missão. Na guerra como na vida é necessário compreender que as diferentes partes se tem que ajustar em torno de objetivos comuns.

Este livro conta-nos essa história em como foi possível homens tão diferentes entre si, com visões diferente do mundo, com visões diferentes da política colonial se souberam unir e caminhar juntos. Como como construíram a consciência de que era necessário escolher um caminho comum. Cada um deles levava memórias pesadas. Homens de diferentes origens e de modos de pensar distinto confrontaram as suas heranças com a crueza da guerra. *Voltaram todos* conta-nos uma relevante experiência de vida, de sorte e também com bravura.

De Helena Silva e Paulo Kellerman (2013)
Edição de autor, distribuição Gradiva.




Pedro Pereira Leite
Investigador de Pós-Doutoramento do
CES e U. Coimbra
Membro do Grupo de Trabalho "Formação e
Educação para a Cidadania,
Segurança e Defesa" da AACDN
Sócio n.º 1054/12